



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“LONGE DOS OLHOS, LONGE DO CORAÇÃO”: INVISIBILIZAÇÃO E HOMOFILIA NAS REDES ASSOCIATIVAS.

Marcelo Kunrath Silva

Professor do Departamento de Sociologia/UFRGS e do
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS
mksilva@ufrgs.br

Rui Zanata Jr.

Mestrando em Sociologia (UFRGS)
Bolsista CAPES
ruizanatajr@yahoo.com.br

Introdução

Investigações empíricas realizadas previamente com duas associações de moradores de Porto Alegre (uma localizada numa vila popular e outra situada num bairro de classe média) evidenciaram que as distâncias estruturais e relacionais entre os agentes sociais se reproduzem também na conformação das redes do associativismo urbano. Dessa maneira, identificou-se uma expressiva tendência entre as associações de moradores da cidade de se relacionarem com indivíduos, entidades, instituições e organizações ocupantes de posições similares no espaço social. Em linhas gerais, foi verificado que as distâncias estruturais se desdobram em distâncias relacionais, gerando laços sociais homofílicos – ou seja, relações entre indivíduos que compartilham características socioeconômicas e culturais (estilos de vida) semelhantes.

Em um primeiro estudo (ZANATA JR., 2009), observou-se uma composição e um volume muito diferenciados dos capitais sociais – ou a sua reconversão em outras formas de recursos – detidos pelas duas associações de moradores pesquisadas. Assim, a associação situada num bairro de classe média fundamentava suas ações através da mobilização de amplo leque de relações com políticos, empresários, organizações sociais e instituições. Já a associação localizada numa vila popular possuía uma rede relacional muito menor e, sobretudo, constituída por atores com posições sociais bem menos proeminentes do que as ocupadas pelos agentes com os quais a primeira associação costumava se relacionar. Esses “achados” empíricos informam que as



conexões sociais (responsáveis, em grande medida, pelo acesso a diversos tipos de oportunidades e recursos) destas duas associações de moradores são estabelecidas com indivíduos e grupos situados em posições relativamente similares no espaço social.

No segundo trabalho (SILVA; ZANATA JR., 2010), por sua vez, a partir de uma pesquisa empírica sobre as relações sociais de uma associação localizada em bairro de classe média de Porto Alegre, reafirmou-se a constatação de uma expressiva segmentação do tecido associativo da cidade em decorrência das marcantes distâncias estruturais e relacionais entre seus habitantes. Observou-se que as associações de moradores dos bairros de classe média tendem a estabelecer vínculos e ações junto a atores e a associações de moradores em posições semelhantes no espaço social. Ao mesmo tempo, elas tendem a não manter laços e ações com agentes e associações de bairros e vilas populares, ainda que espacialmente próximas. Dessa forma, a proximidade social, ao invés da proximidade territorial, parece ser o fator central na definição das possibilidades de relacionamento entre as associações de moradores da cidade.

Frente a esses resultados, coloca-se a finalidade central deste artigo, qual seja: identificar e analisar os processos sociais que permitem explicar a associação entre distância social estrutural e distância social relacional no associativismo urbano de Porto Alegre. Em outras palavras, o objetivo principal é compreender e explicar como a homofilia – a qual é, em geral, tomada como um dado – é produzida e reproduzida no mundo associativo. Nesse sentido, adota-se o argumento hipotético de que são os processos sociais associados à (re)produção de fronteiras sociais e simbólicas que explicam, em grande medida, a presença reduzida (e, no limite, a ausência) de relações sociais entre indivíduos e grupos sociais em posições desiguais, conformando, assim, um associativismo urbano caracterizado pela segmentação.

Tais processos sociais seriam, por sua vez, decompostos em três mecanismos causais explicativos – a estigmatização e a invisibilização das classes populares pelas classes médias e a atribuição de diferenças e semelhanças entre agentes em diferentes posições de classe –, os quais, hipoteticamente, se combinariam para bloquear os contatos e reproduzir as distâncias sociais. Desse modo, o objetivo é desvendar a “caixa-preta” (constituída pelos processos de produção de fronteiras e os mecanismos a



eles associados) que possibilita explicar a correspondência entre as distâncias estruturais e relacionais. Trata-se, dessa maneira, de identificar e examinar quais são os processos sociais, ou seja, quais são os mecanismos sociais vinculados à (re)construção de barreiras entre grupos distanciados estrutural e relacionalmente e que conformam o associativismo urbano de forma segmentada.

Em virtude dos limites para o desenvolvimento da análise, este artigo desenvolve uma análise preliminar de como opera na realidade social o mecanismo invisibilização¹. Este mecanismo diz respeito à expressiva tendência de que os indivíduos situados nas classes populares estariam ausentes das redes de relações dos (e dos espaços sociais frequentados pelos) agentes sociais posicionados nas classes médias. Dois questionamentos básicos norteiam a sua construção analítica: *com quem os indivíduos situados numa posição social de classe média costumam se relacionar mais frequentemente? E, que posição social ocupam os indivíduos e grupos que são “vistos” e/ou “percebidos” pelos agentes sociais posicionados na classe média?*

Para desenvolver tais argumentos, este artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção é apresentado o modelo de análise e os seus principais conceitos (distância social, homofilia, fronteiras sociais e simbólicas e invisibilização); a seguir, são apresentadas e discutidas a metodologia de análise de redes sociais (ARS) e a técnica de produção de dados informacionais conhecida como gerador de nomes; na última seção, são apresentados alguns dados sobre o bairro e a associação de moradores pesquisada e, como tentativa preliminar de identificar a operação do mecanismo de invisibilização, é analisada a rede de relações de um dos entrevistados.

Quadro conceitual: distância social, homofilia, fronteiras sociais e simbólicas e invisibilização

O conceito de distância social apresenta uma extensa trajetória e diferentes acepções. Pode-se, grosso modo, delimitar duas perspectivas teórico-epistemológicas a respeito da noção de distância social: uma marcadamente psicológica e outra mais

¹ Este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento e, neste sentido, seus resultados empíricos ainda encontram-se em um estágio preliminar.



propriamente sociológica² (LAGO; RIBEIRO, 2001), a qual será abordada neste artigo.

Buscando sintetizar o debate sociológico contemporâneo, Bottero (2005) ressalta que a apreciação dos estudos sobre estratificação permite delimitar, muito esquematicamente, duas perspectivas distintas sobre o conceito de distância social. Numa visão estrutural, a distância social é entendida em termos de localizações diferentes dentro de uma estrutura externa de estratificação. Num olhar relacional, a distância social é observada em termos de relações de proximidade ou distância em que a estratificação é conformada pelos padrões das vinculações existentes. Ademais, podem-se sublinhar outras diferenças fundamentais. Conforme resume a autora,

nas perspectivas estruturais, grupos são definidos como socialmente distantes se eles são muito *diferentes* entre si (em termos de categorias de classe, gênero ou raça), enquanto que nas perspectivas relacionais eles são definidos como socialmente distantes se eles raramente se *associam* entre si. Grupos podem ser muito diferentes (pertencendo a diferentes categorias de classe ou raça), mas ainda assim serem socialmente próximos se eles se relacionam por amizade ou por parceria sexual regularmente (BOTTERO, 2005, p.7 – tradução própria – grifos da autora).

Articulando estas perspectivas estrutural/posicional e relacional, Bourdieu (1996; 2005) percebe a sociedade como constituída por relações de proximidade e de separação que são, antes de tudo, relações hierárquicas. As posições geradas pela distribuição desigual do volume e da composição dos múltiplos tipos de capitais – econômico, cultural, político, simbólico, social etc. – expressam as relações de dominação entre as classes e definem as posições ocupadas pelos indivíduos no espaço social. A distância social entre os atores sociais decorre, segundo Bourdieu, das relações das posições sociais nas quais eles estão inseridos.

Partindo das elaborações destes autores, neste artigo o conceito de distância social é construído levando em consideração tanto a sua dimensão estrutural – na qual a distância social decorre das diferenças de atributos entre os indivíduos – quanto a sua dimensão relacional – na qual a distância social é devida à ausência de relações entre os atores sociais. A partir desta conjugação entre distância social estrutural e distância

² Entre as abordagens clássicas de cunho mais designadamente psicológico se destacam autores como Bogardus (1925a; 1925b) e Park (1924). Para uma atualização crítica da proposta analítica construída por Bogardus ver Banton (1960). Sorokin (1973), por sua vez, ainda em meados dos anos 1920, estabelece uma perspectiva de caráter mais propriamente sociológico para o conceito de distância social.



social relacional, pode-se ressaltar o fato de que as pessoas que interagem socialmente também tendem a ser socialmente semelhantes em termos atributivos.

Segundo McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001), isso significa que as distâncias em termos de características socioeconômicas e culturais se traduzem em distâncias relacionais – o que corresponde ao princípio de homofilia, segundo o qual, similaridade social produz conexões sociais. Assim sendo, no entendimento de Bottero,

o padrão de *homofilia* (o princípio de que semelhança gera relação) tem um grande impacto sobre as redes sociais. Semelhança social (não só em termos de status ocupacional, mas também ao longo de dimensões de raça, etnia, educação, idade, religião, atitudes, gostos e crenças) estrutura fortemente uma gama de rede de relações (de relações intensas e de longa duração como casamento/parceira e amizade, a laços mais curtos e circunscritos, tais como fornecer apoio a carreira, a ‘conhecer alguém’, ou aparecer junto no espaço público) (BOTTERO, 2005, p.166 – tradução própria – grifos da autora).

O outro conceito fundamental para a construção desta pesquisa é o de fronteira. Em anos recentes, a noção de fronteira tem ocupado um papel chave em diferentes áreas das ciências sociais (LAMONT; MOLNÁR, 2002; PACHUCKI; PENDERGRASS; LAMONT, 2007). Pode-se, antes de qualquer coisa, arguir, conforme Tilly (2004; 2005), que as fronteiras “nos” separam “deles”. Elas interrompem, dividem, circunscrevem e segregam a distribuição de populações no interior das sociedades.

Saint-Martin, Rocha e Heredia (2008) e Labache e Saint-Martin (2008) realçam, por sua vez, a relação entre distância social e a produção de fronteiras sociais. Para as autoras, o conceito de fronteira constitui uma ferramenta teórico-metodológica particularmente pertinente para pesquisar as múltiplas formas de manutenção e de recomposição da distância entre grupos em sociedades atravessadas por profundas desigualdades e divisões. Já Lamont e Molnár (2002) destacam a relação entre fronteiras e a produção de semelhanças e de diferenças. Em suas palavras, “a noção de fronteiras é crucial para analisar como os atores sociais constroem grupos como similares e diferentes e como isso divide seus entendimentos e suas responsabilidades para com tais grupos” (LAMONT; MOLNÁR, 2002, p.187 – tradução própria).

Lamont e Molnár (2002) distinguem duas dimensões constitutivas do conceito de fronteira. As *fronteiras simbólicas* se referem a distinções conceituais feitas pelos atores sociais para categorizar objetos, pessoas, práticas etc. Elas constituem

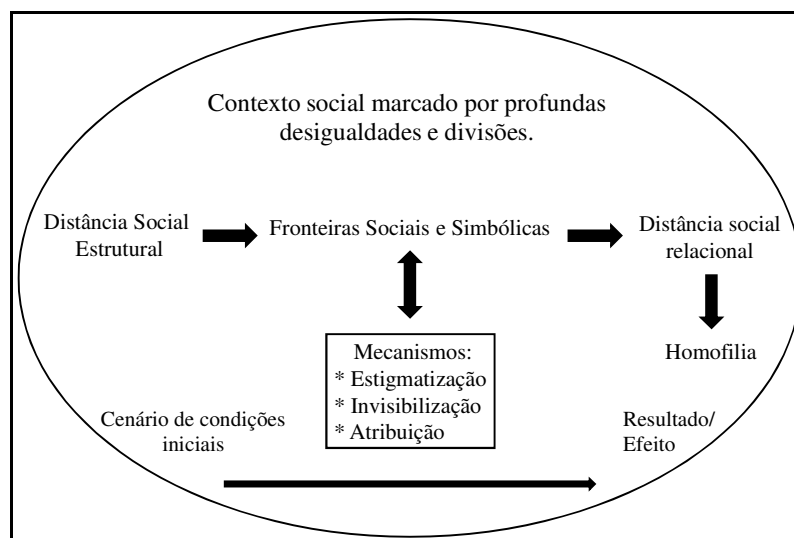


ferramentas pelas quais indivíduos e grupos batalham sobre e entram em acordo sobre definições do mundo social. Ao investigá-las é possível capturar as dinâmicas das relações de como os grupos competem na produção, difusão e institucionalização de sistemas alternativos de princípios de classificação e de demarcação. Já as *fronteiras sociais* correspondem, por sua vez, a formas objetivadas de diferenças manifestadas no acesso e distribuição desiguais de recursos e de oportunidades. Elas são reveladas, grosso modo, através dos padrões estáveis de associação e interação entre os indivíduos.

Sustenta-se, portanto, a existência de uma interdependência entre as posições sociais ocupadas pelos agentes na estrutura do espaço social e as suas estruturas de relações cotidianas. Os processos de (re)produção de fronteiras sociais e simbólicas e os mecanismos a eles associados explicariam, então, como as distâncias estruturais traduzem-se, muito frequentemente, em distâncias relacionais entre os indivíduos. Visa-se, destarte, identificar e analisar um dos mecanismos (o de invisibilização das classes populares pelas classes médias) que possibilita explicar esta (re)produção de fronteiras sociais e simbólicas entre grupos sociais distanciados estrutural e relacionalmente.

Tal finalidade implica, assim, em ir além da possível e provável associação causal entre distância estrutural e distância relacional e a consequente produção de conexões sociais homofílicas. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de desvendar quais são os mecanismos que constituem o que é denominado pela literatura sociológica como a “caixa-preta” entre uma causa (input) e um efeito (outcome) (HEDSTRÖM; SWEDBERG, 1996; MAHONEY, 2001; 2003; MAYNTZ, 2004). Desse modo, esta proposta de análise tem por objetivo central “abrir” a “caixa-preta” do processo de (re)produção de vínculos sociais homofílicos no associativismo urbano, indicando, dessa maneira, os mecanismos causais explicativos de tal processo. O Quadro 1 sistematiza as associações entre os conceitos que sustentam o argumento desenvolvido.

(Quadro 1) Relações entre conceitos e variáveis que sustentam a proposta de análise.



Fonte: elaboração dos autores.

Para Mayntz (2004), as explicações baseadas em mecanismos causais procuram explicar *como e por quais passos intermediários* um determinado resultado segue de um cenário de condições iniciais. Se uma causa produz um efeito sem passos intermediários, certamente, nenhum mecanismo está envolvido. A própria relação de causa-efeito corre o risco de ser uma tautologia. Hedström e Swedberg (1996) empregam o termo mecanismo para se referirem ao componente de um processo social que conecta uma causa (input) a um efeito (outcome). Isso pode ser formalmente expresso da seguinte forma: I – M – O. O mecanismo M serve para explicar a relação observada entre as condições iniciais específicas I e o resultado específico O.

A partir das ponderações acima construídas, este trabalho propõe realizar uma investigação preliminar de como opera o mecanismo invisibilização. Tal mecanismo está associado à invisibilidade dos indivíduos situados em posições inferiores por parte daqueles mais bem situados no espaço social. Argumenta-se que esta invisibilidade é composta por três dimensões: em primeiro lugar, ela está associada à ausência de laços sociais mais próximos e constantes entre agentes posicionados desigualmente no espaço social; em segundo lugar, ela está vinculada, tanto ao afastamento das classes médias dos espaços públicos, quanto à apropriação segmentada de diversos espaços sociais a partir das posições de classe; e, em terceiro lugar, pela inexistente, ou quase inexistente, “percepção” por parte dos indivíduos situados nas classes médias dos grupos sociais subalternos nos seus trajetos cotidianos – ou seja, a imagem mental construída por esses

indivíduos dos seus percursos diários tende a esconder os grupos inferiormente situados no espaço social. Neste trabalho, será avaliada apenas a primeira dessas três dimensões³.

Metodologia e técnica de pesquisa

A análise de redes sociais (ARS) é uma metodologia de pesquisa que procura identificar e analisar os padrões e as dinâmicas dos vínculos sociais. Ela não corresponde a uma teoria social propriamente dita, mas, sem dúvida, compartilha com a chamada sociologia relacional os seus pressupostos epistemológicos e ontológicos. Assim, a ARS oferece uma ferramenta metodológica para operacionalização dos pressupostos analíticos do que se costuma qualificar de uma abordagem relacional do mundo social. Ao mesmo tempo, não é correto definir a ARS apenas como um conjunto restrito de métodos e técnicas de pesquisa (WELLMAN, 1983; EMIRBAYER, 1997). Isso porque, conforme destaca Boissevain (1979), a análise de redes como um instrumento de investigação tem significativas implicações teóricas, embora não constitua uma teoria social. Para o autor,

ela é um instrumento analítico que considera círculos de parentes e amigos, coalizões, grupos e casas de negócios, complexos industriais, e, até mesmo, Estados-Nação como dispersões de pontos conectados por linhas que formam redes. [...] A análise de redes faz questões sobre quem está ligado a quem, o conteúdo das ligações, o padrão que elas formam, a relação entre o padrão e comportamento e a relação entre o padrão e outros fatores sociais. Isso tem implicações teóricas na medida em que ela forma parte de uma mudança paradigmática para além do estrutural-funcionalismo (BOISSEVAIN, 1979, p.392 – tradução própria).

Emirbayer (1997) e Emirbayer e Goodwin (1994) estabelecem importante correspondência epistemológica e metodológica entre a sociologia relacional e a ARS. Para os autores, a abordagem de redes investiga as restrições e as possibilidades de relações entre atores sociais dentro de um sistema. Por isso, ela fornece uma ligação entre seus *insights* teóricos e as suas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa empírica. Nesse sentido, Emirbayer (1997) destaca que a ARS é a perspectiva

³ Como o foco do Grupo de Trabalho é a ARS, aborda-se neste artigo aquela dimensão cuja operacionalização utiliza basicamente a ARS. A operacionalização das outras dimensões implica o recurso a outras metodologias como, por exemplo, mapas mentais e análise dos deslocamentos urbanos.



mais desenvolvida e mais amplamente empregada para a investigação da estrutura social. Para o autor, a análise de redes

não é fundamentalmente uma teoria ou mesmo um conjunto de técnicas de pesquisa complicadas, mas, ao invés, uma nova família compreensiva de estratégias analíticas, um paradigma para o estudo de como recursos, bens e, até mesmo, posições circulam através de figurações particulares de laços sociais (EMIRBAYER, 1997, p.298 – tradução própria).

Assim, a ARS e a sociologia relacional compartilham, epistemológica e ontologicamente, o pressuposto de que as relações sociais têm centralidade na análise dos fenômenos sociais. Para ambas, as relações entre os atores sociais são fundamentais na explicação social, e, destarte, elas criticam os modelos de análise que focam exclusivamente nos atributos (as características socioeconômicas) individuais. As unidades básicas de análise são as relações sociais entre os atores sociais. Desloca-se, portanto, a investigação social dos atributos individuais para as relações entre os agentes sociais⁴. As características das relações explicam a realidade social. Nesse sentido, o que as pessoas *são, pensam e fazem* são produtos das relações estabelecidas entre elas. Conforme explica Marques,

de acordo com essa vertente de análise [a sociologia relacional], as instituições, a estrutura social e as características de indivíduos e grupos são cristalizações dos movimentos, trocas e “encontros” nas múltiplas e intercambiantes redes de relações ligadas e superpostas. A matéria-prima das ciências sociais seria, portanto, o conjunto das relações, vínculos e trocas entre entidades, e não suas características (MARQUES, 1999, p.47).

Para compreender como opera o mecanismo invisibilização na rede de relações sociais de indivíduos participantes das associações de moradores de bairro de classe média pesquisadas, empregou-se a metodologia de ARS. A técnica de produção de informações relacionais denominada de gerador de nomes (*name generator*) possibilitou construir a rede de relações dos entrevistados. Essas redes individuais foram levantadas através de duas questões vinculadas aos contextos da vida pessoal e associativa de cada um dos pesquisados.

Nas discussões metodológicas acerca da ARS há duas formas básicas de investigar os padrões e as dinâmicas das redes de relações sociais: as redes individuais e

⁴ Ao invés de uma visão de oposição entre atributos e relações, a tendência contemporânea é a combinação destes em modelos de análise mais complexos.



as redes totais (MARQUES, 2010). Quando o objetivo é analisar os padrões e as dinâmicas dos vínculos das redes individuais, uma das principais questões a ser respondida diz respeito à definição do que se compreende por rede pessoal (*personal network*) e por rede egocentrada (*ego-network*, *egocentric network*, *ego-centered network*). Essas duas abordagens das redes individuais incluem os contatos de sociabilidade mais próximos de cada indivíduo. Já nas chamadas redes totais, por sua vez, o foco da investigação empírica recai sobre o estudo de redes inteiras ou parciais em contextos sociais específicos – como, por exemplo, os padrões e as dinâmicas de relações internas e externas em agências estatais e nas suas políticas (MARQUES, 1999; 2006a).

Segundo Marques (2006b; 2009; 2010), a maior parte das investigações empíricas de redes individuais considera somente os laços sociais diretos de um agente social (*ego*) e as vinculações existentes entre os seus contatos primários (*alters*) – ou seja, redes egocentradas. Contudo, para o autor, tal escolha metodológica confina a sociabilidade dos atores sociais aos seus contatos primários, enquanto que a opção pelas redes pessoais não restringe previamente a abrangência da rede pesquisada. Então, Marques toma como estratégia metodológica as “redes pessoais entendidas como os contextos de relações que os indivíduos reconhecem como seus, mas que podem ou não estar ligados diretamente a eles” (MARQUES, 2010, p.50).

Segundo Marques (2006b; 2009; 2010), é importante notar que rede pessoal não deve ser entendida como sinônimo de rede egocentrada, como parece acontecer algumas vezes na literatura internacional. Em geral, as redes pessoais são definidas como uma rede de relações descrita do ponto de vista de um ator social (*ego*) (MARIN; HAMPTON, 2007; WELLMAN, 1983; BOISSEVAIN, 1974). Considera-se, nesta investigação, imprescindível definir adequadamente o que se compreende por rede pessoal – já definida acima segundo a construção feita por Marques (2010) – e por rede egocentrada. Assim, redes egocentradas dizem respeito “[...] apenas as relações diretas do indivíduo e as eventuais relações entre esses contatos primários, ou seja, apenas as relações diretas e não mediadas a no máximo um passo de distância do ego [...]” (MARQUES, 2010, p.49).



Sem dúvida, as ponderações feitas por Marques (2009; 2010) sobre os limites e problemas das redes egocentradas são corretas e relevantes para o desenvolvimento da ARS no Brasil, sobretudo, quando a atenção incide sobre indivíduos em situação de pobreza. Isso porque, conforme destaca o autor, “uma parcela importante da sociabilidade que influencia a pobreza e as condições de vida ocorre a distâncias maiores do ego do do seu entorno imediato” (MARQUES, 2009, p.478).

Contudo, neste trabalho se optou por investigar redes egocentradas. Tal opção metodológica se fundamenta em um ponto principal. Ao que tudo indica, o estudo de redes egocentradas permite compreender, adequadamente, o modo como opera o mecanismo invisibilização nas redes de relações. Isso porque possibilita evidenciar empiricamente *com quem* indivíduos situados numa posição social de classe média costumam, nos seus laços sociais cotidianos, relacionar-se, discutir questões relevantes e conversar sobre os problemas do bairro, no caso de atores sociais participantes de associações de moradores. É preciso, portanto, ter claro que as redes egocentradas lançam luz sobre o que é fundamental para investigar o mecanismo de invisibilização. Ou seja, redes egocentradas possibilitam identificar e analisar aqueles vínculos sociais mais íntimos, mais próximos e mais visíveis de um determinado *ego*.

No estudo das redes pessoais e das redes egocêntricas uma das técnicas de coleta de dados mais comumente empregadas é a que se convencionou denominar de gerador de nomes (*name generators*). Através dela é possível identificar os contatos primários (*alters*) de um determinado ator social (*ego*), bem como as relações entre os *nós* que compõem a rede centrada em *ego*.

O gerador de nomes pode ser utilizado através de surveys ou de entrevistas. Aos entrevistados são feitas uma ou mais questões, as quais têm por objetivo obter uma lista de nomes dos seus contatos primários. Em geral, ao entrevistado é requerido listar as pessoas “*com quem você conversou sobre assuntos importantes*”. Esta questão pode ser limitada a um determinado contexto social (família, trabalho, atividades associativas etc.) e a um período de tempo – como, por exemplo, nos últimos seis meses. Em seguida, o entrevistado informa quais dos seus contatos mantêm alguma relação entre si. Através de tais procedimentos é obtida a estrutura da rede centrada em um ator social.



Contudo, o referido procedimento de construção de informações relacionais não se encerra no gerador de nomes. Junto a essa técnica, pode-se acrescentar o que a literatura denomina de *name interpreters*. Esta técnica consiste, basicamente, em questões que visam produzir informações socioeconômicas sobre os contatos primários de *ego* (MARIN; HAMPTON, 2006; BIDART; CHARBONNEAU, 2007; VEHOVAR et. al., 2008; BURT, 2009). Em linhas gerais, *name generators* e *name interpreters* possibilitam identificar e analisar a estrutura de uma rede de relações sociais centrada em um determinado ator social, bem como ter uma delimitação aproximada da posição social dos *nós* que compõem a sua rede social.

Portanto, tais técnicas de produção de dados relacionais permitem dar conta da investigação de como opera na realidade social o mecanismo de invisibilização das classes populares pelas classes médias, uma vez que uma das suas três dimensões, apresentadas precedentemente, está associada às seguintes questões: 1) *com quem os indivíduos situados numa posição social de classe média costumam se relacionar mais frequentemente?* 2) *E, que posição social ocupam os indivíduos e grupos que são “vistos” e/ou “notados” pelos agentes sociais posicionados nas classes médias?*

Identificando o mecanismo de invisibilização nas redes sociais

Para analisar a sustentabilidade empírica do argumento proposto neste trabalho, será analisada a rede egocentrada de um indivíduo atuante na associação de moradores (identificada como AM) de um bairro que se situa na UDH⁵ que possui o IDH mais elevado da cidade de Porto Alegre – 0,977 – no ano 2000 (PREFEITURA/SECRETARIA DE COORDENAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANÇA LOCAL et. al., 2008).

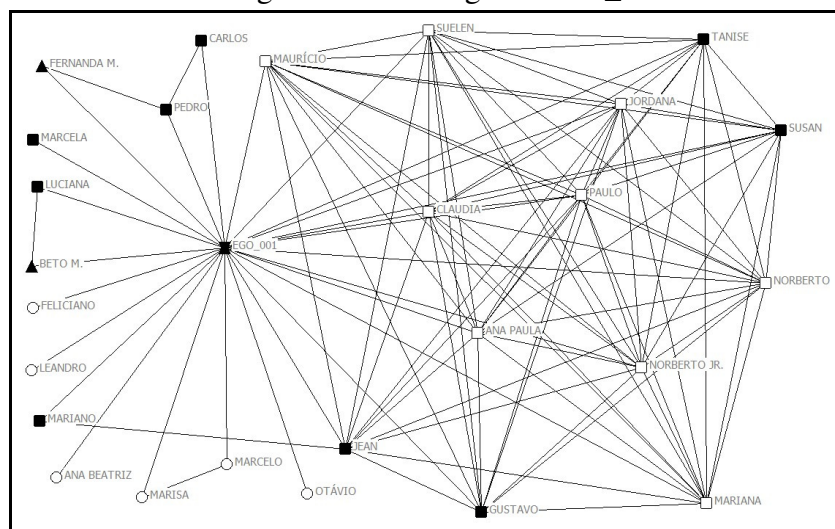
Com base nas informações obtidas, a primeira fundação da AM aconteceu no início da década de 1960. Até meados dos anos 1970, a associação se manteve atuante. Segundo um dos moradores mais antigos a atuar na AM, naquele período a associação era muito forte, pois conseguia mobilizar muitos moradores. Porém, após um longo período sem atuação, é somente entre 2007 e 2008 que AM retoma suas atividades.

⁵ UDH: Unidade de Desenvolvimento Humano; IDH: Índice de Desenvolvimento Humano.

Atualmente, as principais questões trabalhadas pela associação são: o fim das algazarras noturnas, a melhoria na segurança, a preservação da “qualidade de vida” frente ao avanço de grandes edificações no bairro, a melhoria no trânsito e os problemas causados pelos mendigos no bairro.

O sociograma abaixo retrata a rede egocentrada de um dos indivíduos mais atuantes na AM:

Sociograma 1. Rede egocentrada_001



Fonte: elaboração dos autores a partir das entrevistas.

Este indivíduo apresenta as seguintes características: homem, 44 anos, pós-graduado e com envolvimento ativo na associação desde 2008. Além disto, atua profissionalmente como assessor e consultor em planejamento estratégico e gestão para instituições sem fins lucrativos e organismos internacionais. Em termos da caracterização dos 26 *alters* que compõem a rede egocentrada_001, observa-se que são doze mulheres e quatorze homens. A grande maioria dos *alters* – 21 indivíduos – possui ensino superior completo. Em termos de inserção profissional dos *alters*, as informações são: três professores, dois engenheiros, cinco comerciantes, dois funcionários públicos, dois vereadores, um artista plástico, um médico, um advogado, um arquiteto, uma fisioterapeuta, uma pedagoga, uma jornalista, uma ambientalista, um designer e publicitário, um desenhista e urbanista e uma psicóloga.⁶

⁶ Um dos *alters* não teve sua profissão definida, uma vez que o entrevistado o identificou apenas como “líder comunitário”.



Com relação ao padrão e à dinâmica da rede social analisada, é interessante observar que o próprio entrevistado delimitou a existência de três “grupos” diferentes. O primeiro deles é formado pelos *nós* vinculados à sua atuação na associação – os quais estão assinalados por quadrados brancos. Este grupo constitui um verdadeiro *clique*, no qual todos os *nós* estão diretamente relacionados entre si.

O segundo recorte diz respeito aos seus laços sociais cotidianos – amigos e familiares –, os quais estão marcados por círculos brancos. Observa-se que este é um segmento relativamente pequeno (apenas seis *nós*), que não estabelece relações com os outros *nós* que compõem a rede de *ego* e nem entre si (com exceção de Marisa e Marcelo).

Por fim, há um conjunto de *nós* com o qual ele conversa sobre os problemas e as demandas do seu bairro de residência – tais *nós* são apontados por quadrados e triângulos⁷ pretos. Este segmento apresenta uma conformação relacional mais heterogênea: de um lado, identificam-se alguns *nós* isolados e pequenos *cliques*; de outro, existem vários *nós* conectados a *nós* da *clique* da associação.

Pode-se inferir, a partir dos dados apresentados, a significativa presença de relações sociais homofílicas na rede egocentrada_001. De um lado, os *nós* que *ego* identifica como sendo suas relações sociais significativas compartilham com ele atributos sociais similares, indicando uma alta proximidade posicional. De outro lado, uma parte significativa de sua rede apresenta um elevado nível de conexão entre os *alters*, indicando uma alta proximidade relacional.

Contudo, a homofilia presente na rede egocentrada elaborada a partir do gerador de nomes não significa que o entrevistado não mantenha contatos ou mesmo ações conjuntas com indivíduos e grupos sociais ocupantes de posições distintas no espaço social. Justamente por ser um agente social envolvido em diversas atividades associativas – além de suas ações através da associação, sua atividade profissional de assessoria e consultoria o coloca em contato com diversas organizações sociais – é provável que ele estabeleça constantemente contatos com indivíduos e grupos posicionados em outras classes sociais. Isso fica claro quando o entrevistado, ao ser

⁷ Os triângulos indicam dois vereadores – um do PSol e outro do PP – com quem *ego* se relaciona.



questionado sobre o seu contato com associações de regiões da periferia de Porto Alegre, faz o seguinte relato:

ele [este contato com] é envolvido mais com o meu trabalho na associação de moradores. Porque a associação de moradores, a AMA, porque ela, a partir do momento em que se instituiu e ela se re-fundou, ela passou a integrar os diferentes espectros de inter-relação no município. Então, eu vou citar: nós participamos do Fórum de Entidades que participou, integrou a revisão, o grupo de revisão do Plano Diretor de Porto Alegre; nós integramos o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental – eu no caso, como primeiro suplente da Região 1 (...); nós integramos ainda, no caso, alguns moradores integraram o Movimento em Defesa da Orla [do Guaíba], que teve uma atuação destacada naquela questão do Pontal do Estaleiro. Então, essa minha relação fez com que nesses espaços eu encontrasse essas diversas entidades co-irmãs e de diferentes áreas e de diferentes regiões de Porto Alegre.

Esta relativa discrepância entre a rede de relações significativas para o entrevistado, identificada a partir do gerador de nomes, e sua efetiva inserção relacional (muito mais ampla e socialmente diversificada) constitui-se em um importante indicador do mecanismo de invisibilização. Os contatos com indivíduos em posição social inferior, que o entrevistado estabelece a partir de sua militância associativa e/ou de sua atividade profissional, não são identificados por ele como significativos ou, no limite, simplesmente não são percebidos. Ou seja, tornam-se invisíveis. Esta invisibilidade obstaculiza a possibilidade de se constituírem relações significativas entre *ego* e seus contatos situados em posição social inferior, contribuindo para a reprodução da homofilia de sua rede relacional.

Referências bibliográficas

- BANTON, Michael. **Social distance**: a new appreciation. pp.169-183, 1960.
- BOGARDUS, Emory S. Social distance and its origins. **Journal of Applied Sociology**, v.9, pp.216-226, 1925a.
- BOGARDUS, Emory S. Measuring Social Distances. **Journal of Applied Sociology**, v.9, pp.299-308, 1925b.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Network analysis: a reappraisal. **Current Anthropology**, v.20, n. 2, pp.392-394, Jun. 1979.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Networks: interaction and structure. In: BOISSEVAIN, Jeremy **Friends of friends**: networks, manipulators and coalitions. New York: St. Martin's Press, 1974.



- BOTTERO, Wendy. **Stratification**: social division and inequality. London: Routledge, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BIDART, Claire; CHARBONNEAU, Johanne. The contextual name generator: a good tool for the study of sociability and socialization. **Communication presented at the XXVII Sunbelt**, Corfou, 1-6 May, 2007.
- BURT, Ronald S. Appendix A. Measuring the network. In: BURT, Ronald S. **Neighbor networks**: competitive advantage local and personal. Oxford: Oxford University Press. 2009
- EMIRBAYER, Mustafa. Manifesto for a relational sociology. **The American Journal of Sociology**, v.103, n.2, pp.281-282, September, 1997.
- EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture, and the problem of agency. **The American Journal of Sociology**, v.99, n.6, pp. 1411-1454, May, 1994.
- HEDSTRÖM, Peter; SWEDBERG, Richard. Social mechanisms. **Acta Sociologica**, n.3, v.39, pp.281-308, 1996.
- LAGO, Luciana Corrêa do; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **Cadernos da Metrôpole**, n.5, pp.30-46, 2001.
- LABACHE, Lucette; SAINT-MARTIN, Monique de. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. **Educação & Sociedade**, v. 29, n.103, pp.333-354, maio-ago. 2008.
- LAMONT, Michèle; MOLNÁR, Virág. The study o boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, v.28, pp.167-195, 2002.
- MCPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn; COOK, James M. Birds of a feather: homophily in social networks. **Annual Review of Sociology**, n.27, 2001.
- MAHONEY, James. Beyond correlational analysis: recent innovations in theory and method. **Sociological Forum**, n.3, v.16, pp.575-593, 2001.
- MAHONEY, James. **Tentative answers to questions about causal mechanisms**. Paper presented at the annual meetings of the American Political Science Association, Philadelphia, August 28, pp.1-17, 2003. Disponível em: <http://www.allacademic.com//meta/p_mla_apa_research_citation/0/6/2/7/6/pages62766/p62766-18.php>. Acesso em: 16 de nov. de 2010.
- MARIN, Alexandra; HAMPTON, Keith N. Simplifying the personal network name generator: alternatives to traditional multiple and single name generators. **Field Methods**, v.19, n.2, pp-163-193, 2007.
- MARQUES, Eduardo. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.14, n.41, p.45-67, out. 1999.



MARQUES, Eduardo. Redes sociais e poder no Estado brasileiro: aprendizados a partir das políticas urbanas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.21, n.60, p.15-41, fev. 2006a.

MARQUES, Eduardo et. al. **Redes pessoais e pobreza em São Paulo**. 2006b. Disponível em: <[http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES et al_Redess_Pessoais_e_Pobreza.pdf](http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/MARQUES_et_al_Redess_Pessoais_e_Pobreza.pdf)>. Acesso em: 25 de out. de 2010.

MARQUES, Eduardo. As redes sociais importam para a pobreza urbana? **Dados**, Rio de Janeiro, v.52, n.2, pp.471-505, 2009.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo, Editora UNESP; Centro de Estudos da Metr pole, 2010.

MAYNTZ, Renate. Mechanisms in the analysis of social macro-phenomena. **Philosophy of the Social Sciences**, v.34, n.2, pp.237-259, jun. 2004.

PACHUCKI, Mark A.; PENDERGRASS, Sabrina; LAMONT, Mich le. Boundary processes: recent theoretical developments and new contributions. **Poetics**, v.35, n.6. pp.331-351, december, 2007.

PARK, Robert Ezra. The concept of social distance as applied to the study of racial attitudes and racial relations. **Journal of Applied Sociology**, v.8, pp.339-344, 1924.

PREFEITURA/SECRETARIA DE COORDENAÇÃO POLÍTICA E GOVERNANA LOCAL et. al. **Atlas do desenvolvimento humano da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: 2008. 1 CD-ROM.

SAINT-MARTIN, Monique de; ROCHA, Daniella de Castro; HEREDIA, Mariana. Trocas intergeracionais e construo de fronteiras sociais na Frana, **Tempo Social**, v.20, n.1, pp.135-162, 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath; ZANATA JR. Rui. Desigualdade e associativismo: proximidade espacial e distância social na conformao da sociedade civil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.10, n.2, nov. 2010.

SOROKIN, Pitirim A. Espao social e posio social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. pp.223-230.

TILLY, Charles. Social boundary mechanisms. **Philosophy of the Social Sciences**, v.34, n.2, pp.211-236, jun. 2004.

TILLY, Charles. Ties that bind... and bound. In: TILLY, Charles. **Identities, boundaries, and social ties**. Paradigm Publishers, Boulder/London, 2005. pp.3-10.

VEHOVAR, Vasja et. al. Measuring ego-centered social networks on the web: questionnaire design issues. **Social Networks**, v.30, pp.213-222, 2008.

ZANATA JR. Rui. **Desigualdade e associativismo**: um estudo comparativo sobre capital social e participao política com duas associaes de moradores de Porto Alegre. 2009. 67 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

WELLMAN, Barry. Network analysis: some basic principles. **Sociological Theory**, v.1, pp.155-200, 1983.